
Café em Rota de Colisão: o que os Números de Agosto Revelam!

No mês de agosto, apesar de esboçar uma consolidação do movimento altista visto nos meses de junho e julho, ao romper os níveis de 345,00 cents/lb no dia 24/agosto na ICE Futures US (Bolsa de NY), o Arábica acabou perdendo sustentação e, em menos de uma semana, voltou a operar abaixo dos níveis de 310,00 cents/lb. Para os Canephoras, a queda das cotações na Ice Futures Europe (Bolsa de Londres) foi ainda mais intensa, encerrando o mês a USD 3.529,00/ton, vencimento novembro/26. Entre os principais responsáveis por essa retração está a recente melhora na fluidez do abastecimento global, impulsionada pelo aumento no ritmo das exportações brasileiras. Até pouco tempo atrás, os embarques do Brasil seguiam lentos devido ao excesso de chuvas durante o período de colheita, o que, além de prejudicar a qualidade do café, atrasou a chegada da safra ao mercado. Soma-se a esse cenário o maior apetite de venda dos produtores vietnamitas, o bom desempenho das exportações do Vietnã e a expectativa positiva para a safra 2026/27, que nesta origem tem início em outubro. Esses fatores reforçam a percepção de alívio da escassez recente e vêm elevando a confiança do mercado quanto ao abastecimento futuro. Vale destacar ainda o recente aumento no saldo líquido comprado pelos fundos de investimento, o que, diante o rompimento de determinados suportes técnicos, pode intensificar a queda das cotações. É preciso muita atenção: esse conjunto de fatores abre espaço para quedas mais acentuadas nos preços. Ainda assim, a cautela predomina, sustentada pelos riscos climáticos associados ao El Niño e pelos níveis preocupantes dos estoques certificados de Nova York e dos estoques globais projetados para o fim do ciclo 2026/27, mesmo diante de uma safra recorde. Qualquer adversidade climática que venha prejudicar ainda mais produção de café, não somente no Brasil, mas no mundo, pode reverter o cenário baixista visto, em especial, na última semana do mês agosto.

Fatores baixistas: Escassez de curto prazo perdendo força: após o período de chuvas intensas durante a colheita, os embarques brasileiros começam ganhar corpo. No mês de julho, o primeiro mês do ciclo 2026/27, o Brasil embarcou 3,03 milhões de sacas, um acréscimo de 9,9% em comparação com o mesmo mês do ano passado. Já para o mês de agosto, dados parciais do Cecafé, projetam um potencial de exportação próximo de 3,80 milhões de sacas, o que representa um aumento de 25,4% com relação ao mês de julho e de 19,80% em comparação com o mesmo mês do ano passado. No Vietnã, o cenário também é favorável, com exportações consistentes, produtores mais dispostos a vender e boas perspectivas para a safra 2026/27, cujo início ocorre em outubro. De acordo com a Associação de Café e Cacau do Vietnã (Vicofa), o país exportou quase 1,7 milhão de toneladas de café nos primeiros oito meses de 2026, alta superior a 10% em relação ao mesmo período do ano anterior. A entidade estima ainda que o volume total exportado em 2026 cresça entre 8% e 10% na comparação com 2025. / Safra recorde à vista: o USDA projeta a safra 2026/27 em 189,667 milhões de saca, incremento de 10,837 milhões frente ao ciclo anterior, resultando em superávit de 9,931 milhões de sacas. Entre os oito maiores produtores mundiais, apenas Indonésia e Índia não devem apresentar crescimento na produção. Na mesma linha, o Rabobank prevê superávit global de 8,9 milhões de sacas para o ciclo, reafirmando expectativa de balanço muito confortável. No Brasil, a StoneX revisou sua estimativa

total da safra brasileira de café 2026/27, de 75,3 para 77,2 milhões de sacas. / Fatores Técnicos: diante da recente elevação no saldo líquido comprado pelos fundos de investimentos na Bolsa de Nova York e considerando o atual cenário de fundamentos, um eventual reposicionamento das carteiras pode desencadear uma correção técnica. Vale atenção à possibilidade de intensificação das perdas caso importantes suportes técnicos sejam rompidos, com destaque para a média móvel simples de 100 períodos (295,45 cents/lb). Uma quebra desse nível pode levar o mercado a testar o novo suporte psicológico de 290,00 cents/lb. / Diferenciais de base cada vez mais largos para cafés de pior qualidade: a recente correção negativa na Bolsa de NY vem sendo intensificada pelo alargamento do diferencial de base, principalmente para os cafés de bebidas mais fracas. Um Rio Minas, pen. 15/16, que há um mês estava em -75,00 cents/lb no FOB Santos, atualmente está sendo negociado na casa de -95,00 cents/lb. / Vendas ganham ritmo, porém com compradores mais cautelosos: dados da Safras e Mercado, apontam que os produtores venderam 34% da safra 2026/27 até 13 de agosto, um percentual que, apesar de inferior aos 37% de 2025 e aos 43% da média de cinco anos, representa um avanço de 8% em relação ao mês anterior. Enquanto isso, a ponta compradora segue adquirindo apenas o volume necessário para cumprir contratos previamente firmados, na expectativa de preços melhores mais adiante. / Variações do dólar (ora a favorável, ora desfavorável): no cenário nacional, o dólar permaneceu na maior parte de agosto acima de R\$ 5,15, chegando a testar níveis superiores a R\$ 5,20. Se, por um lado, essa valorização é positiva para os preços da saca de café no mercado interno, por outro, no cenário externo ela atua como fator de pressão sobre as cotações nas principais bolsas mundiais de café, ao estimular as exportações brasileiras. / Incertezas geopolíticas: a recente escalada no conflito entre EUA e Irã, no Oriente Médio, pode impactar os preços do café por diferentes vias. O aumento no preço dos combustíveis tende a intensificar as pressões inflacionárias, favorecendo a manutenção de políticas monetárias mais restritivas. Além disso, esse tipo de tensão geopolítica costuma fortalecer o dólar, como visto na recente valorização de pouco mais de 1 ponto do índice DXY (US Dollar Index), e elevar a aversão a risco no mercado, fatores que, historicamente, pressionam as cotações do café.

Fatores altistas: Ainda existem fundamentos de sustentação para os preços: segundo o USDA, os estoques globais devem permanecer críticos no ciclo 2026/27, apenas 14,62% da demanda global, portanto, insuficientes para cobrir dois meses do consumo mundial projetado em um nível recorde de 179,736 milhões de sacas (+3,62%). / Ameaça do El Niño: embora o clima nunca seja uma certeza, a consolidação do El Niño intensifica o receio no mercado. A NOAA, indica um cenário com probabilidade igual ou superior a 90% de ocorrência de um El Niño muito forte entre o final de 2026 e início de 2027 e 69% de probabilidade de que seja o mais intenso desde 1950, com temperaturas do Pacífico podendo atingir 2,5°C ou mais e previsão de duração até ao menos março de 2027. / Estoques certificados na ICE Futures US nos menores níveis de 26 anos: 223,976mil sacas ao final de agosto/26 vs. 264,179 mil sacas um mês antes vs. 710,196 mil sacas um ano antes. / Terremoto na Colômbia: apesar de um efeito limitado dado o contexto sazonal (período de menor produção), o terremoto do dia 10/agosto afetou uma das principais rotas de escoamento do café do país e interrompeu temporariamente as operações no porto de

Buenaventura, principal porto de saída do café colombiano. / Diferenciais de base cada vez mais firmes para os fine cups: dada a baixa disponibilidade dos fine cups brasileiros para o ciclo 2026/27, especialmente no início do próximo ano, quando a maior parte do volume já estará comercializada, o diferencial oferecido para o início do ano que vem está mais valorizado do que o praticado no disponível. No FOB Santos, um fine cup tipo 2/3, peneira 17/18, por exemplo, gira em torno de -2,00 cents/lb no disponível, enquanto para o 1º semestre de 2027 está na casa de +4,00 cents/lb. / Reposicionamento comprador dos fundos nos últimos 3 meses: após atingir a mínima de 6.176 em 06/junho, o saldo líquido comprado dos fundos subiu para 30.472 contratos em 25/agosto (esse reposicionamento pode desencadear uma correção técnica baixista). / Variações do dólar (ora a favorável, ora desfavorável): apesar da valorização do dólar frente ao Real ao longo de agosto, a moeda norte-americana recuou de forma intensa nos dois primeiros dias de setembro, aproximando-se novamente do patamar de R\$ 5,10. Esse movimento é desfavorável para as exportações brasileiras o que, em contrapartida, tende a dar suporte às cotações do café nas principais bolsas mundiais. / Eleições brasileira de 2026 (ora a favorável, ora desfavorável): a mais recente pesquisa Quaest aponta empate técnico no segundo turno: Lula tem 42% das intenções de voto contra 41% de Flávio Bolsonaro (PL-RJ), com a distância entre os dois caindo de 3 para 1 ponto percentual. Como parte do mercado ainda vê a reeleição de Lula como risco ao controle fiscal e à inflação, o avanço de Flávio nas pesquisas tende a atrair um forte fluxo de capital estrangeiro para o país, beneficiando tanto o Real quanto ativos de risco, tal como o café.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Agosto encerrou com o mercado de café oscilando entre dois extremos. Chegou a testar 345,00 cents/lb e, em poucos dias, recuou para abaixo de 310,00 cents/lb. Esse vaivém não é ruído, mas sim o retrato de um mercado que segue sendo definido por uma tensão que ainda não se resolveu: de um lado, sinais consistentes de uma safra recorde, de outro, estoques mundiais em níveis historicamente apertados. Vivemos, ao mesmo tempo, a expectativa de uma safra global recorde (USDA 2026/27: 189,667 milhões de sacas) e estoques certificados na ICE Futures US nos menores níveis em 26 anos. Isso não é um mercado "de baixa" nem "de alta". É um mercado que está redistribuindo o risco entre dois eventos que ainda não aconteceram: a manutenção (ou não) do ritmo recorde de exportações e o real impacto (ou não) do El Niño na cafeicultura global. Diante disso, tudo leva a crer que quem já vendeu parte da safra fez a coisa certa ao não concentrar decisão num único momento de preço. A pergunta que fica agora é: o que fazer com o café que ainda resta no armazém? O recomendável é organizar essa decisão em duas frentes, ambas de execução simples, sem depender de mecanismos de mercado mais complexos: (1) disciplina de venda escalonada, guiada por níveis técnicos objetivos, mediante a definição de gatilhos defensivos (queda) e gatilhos de captura (alta). Atenção: nesta recomendação é importante manter o planejado; (2) segmentação da venda por qualidade do café, priorizando primeiro os lotes de bebida mais fraca, cujo diferencial de base vem se deteriorando de forma consistente e rápida enquanto o diferencial de lotes finos aponta tendência de valorização conforme exposto

*no decorrer da Síntese. Mercado incerto se enfrenta com estratégia, não com especulação.
Ótimos negócios a todos!*

Varginha, 02 de setembro de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé